



# A Sinfonia Barroco-Pragmática: Um *tertium datur* para a interpretação do Brasil contemporâneo

**The Baroque-Pragmatic Symphony: A *tertium datur* for the interpretation of contemporary Brazil**

**La sinfonía barroco-pragmática: Un *tertium datur* para la interpretación del Brasil contemporâneo**

Nelson Lellis<sup>1</sup>

**Resenha do livro:** BARBOZA FILHO, Rubem. *Sinfonia Barroca: O Brasil que o povo inventou*. Rio de Janeiro, Ateliê de Humanidades Editorial, 2025. 534p.

A resenha examina o argumento central de Rubem Barboza Filho no livro *Sinfonia Barroca2* (2025), que propõe uma reinterpretação audaciosa da formação histórica do Brasil, desafiando frontalmente as teorias convencionais da

1 Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – nelsonlellis@gmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8929607194487987> – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3146-6087>

2 *Sinfonia Barroca* seria apenas um texto de introdução à nova edição de *Tradição e Artificio: Iberismo e barroco na formação americana* (Ateliê de Humanidades Editorial, 2025). Diante da dimensão e novas reflexões, o editor sugeriu a escrita de um novo livro. Informação oferecida pelo próprio editor no seminário “O Brasil que o povo inventou” (mais informações em: MACHADO, Wesley. Pós-graduação em Sociologia Política realiza seminário e lançamento de livro..., em ASCOM UENF, 03/11/2025. Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/pos-graduacao-em-sociologia-politica-realiza-seminario-e-lancamento-de-livro-nesta-quinta-feira/>. Acesso em: 07 jan. 2026).

modernização que, por décadas, trataram o passado colonial e imperial como uma *herança pesada* e uma *fonte de perversidades*. Essa visão tradicional, segundo Barboza Filho, gerou um permanente “desentendimento do país consigo mesmo” (2025: 11), condenando o Brasil a uma busca incessante por modelos externos e à negação de suas próprias potências constitutivas.

O livro, dividido em dez capítulos, argumenta, de forma contra-hegemônica, que a originalidade e a potência da experiência brasileira advêm de uma *sinfonia barroca*, ou seja, de uma sociedade dinâmica, complexa e original, criada “por baixo” (Barboza Filho, 2025: 90, 106, 108, 131, 140, 242, 248, 333, 342, 347, 490, 511). “Por baixo” significa que o protagonista dessa história não é o Estado imperial ou as elites, mas um povo mestiço que, a partir do encontro de matrizes indígenas, africanas e europeias, forjou uma nova forma de vida. Nesse processo, o barroco foi ressignificado, deixando de ser um mero estilo artístico para se tornar um método político e social, uma ferramenta inventiva para lidar com a diferença sem a pretensão de anulá-la. Para compreender o argumento, analisaremos como o autor redefine o próprio conceito de barroco, transformando-o em sua chave hermenêutica.

Primeiramente, a redefinição do barroco como um método político e chave analítica é um passo estratégico e fundamental na tese de Barboza Filho, pois ele afasta o conceito de sua associação restrita à Contrarreforma católica para apresentá-lo como uma “politicidade inventiva” (Barboza Filho, 2025: 147-148) – uma forma de ação e pensamento que se manifesta para além da arte. Longe de ser um sistema fechado, o barroco é concebido como um método aberto para administrar as diferenças sem buscar resolvê-las ou unificá-las em uma síntese totalizante. A metáfora da “pérola imperfeita” (p. 10), de onde o termo se origina, é usada para ilustrar essa riqueza que emerge da abertura, da multiplicidade e da aceitação da imperfeição como constitutiva.

Em vez de uma resposta racional e sistemática a uma crise – como a “crise da consciência europeia” descrita por Paul Hazard (1971: 154) –, o barroco funciona como uma “poderosa operação de persuasão e comunicação que encontra na teoria da verossimilhança, de origem aristotélica, a sua eficácia” (Hazard, 1971: 155). Ele valoriza a imaginação, os sentimentos, a corporeidade e a pluralidade de perspectivas como elementos centrais na construção da vida em comum. Não impõe uma metafísica única, mas acolhe todas, operando não pela lógica da exclusão, mas pela adição e pela articulação de mundos distintos. É a partir dessa redefinição do barroco como um método político e uma forma de vida que o autor constrói sua crítica às narrativas tradicionais sobre a formação do Brasil.

Em segundo lugar, a crítica às narrativas convencionais e a singularidade brasileira. Para que a tese da *sinfonia barroca* possa emergir, o autor dedica-se a desconstruir as visões canônicas sobre a formação nacional, que ele identifica como a raiz do “desentendimento do país consigo mesmo” (Barboza Filho, 2025: 11), como já mencionado aqui. As teorias da modernização, tanto à esquerda quanto à direita, historicamente avaliaram o Brasil a partir de suas faltas/ausências em comparação com um modelo ocidental idealizado, gerando uma narrativa de fracasso e atraso.

A análise de Barboza Filho desconstrói, portanto, a visão inicial de Sérgio Buarque de Holanda ([1936] 1988). As “ausências” apontadas por Sérgio Buarque – de um Estado forte, de elites planejadoras, de um urbanismo racional – são ressignificadas por Barboza Filho como “providenciais”. Foi precisamente a falta de um projeto centralizado e impositivo que obrigou os diversos povos que aqui se encontraram a criar, por seus próprios meios, uma forma de vida original e dinâmica. É relevante notar, como nosso autor aponta, que o próprio Sérgio Buarque ([1945] 2014) revisitaria essa interpretação pessimista em obras posteriores, onde passa a reconhecer a potência democrática da fronteira em movimento no Brasil.

Essa trajetória é contrastada com as experiências da América Hispânica e Anglo-americana. Nesses casos, argumenta nosso autor, as lutas de independência e a construção nacional não implicaram uma recusa do passado; pelo contrário, tanto hispano-americanos quanto anglo-americanos utilizaram suas heranças para construir uma “história comum e progressiva” (Barboza Filho, 2025: 15), conferindo sentido às gerações passadas e futuras. O Brasil, ao contrário, foi levado por suas elites a um projeto de modernização que exigia a ruptura com seu próprio processo formativo, ignorando os elementos constitutivos dessa formação original que as narrativas tradicionais não foram capazes de capturar.

Posteriormente, temos a autocriação do Brasil, com sua potência de formação “por baixo”. Em oposição direta às narrativas focadas na ação do Império ou das elites, a análise de Barboza Filho inverte o foco histórico para a ação dos agentes populares. A sociedade brasileira, em sua visão, foi forjada pela “multidão” (Barboza Filho, 2025: 111-112) – um conjunto heterogêneo de indígenas, africanos, europeus e mestiços – que atuou como protagonista na criação de um mundo novo, à margem e, muitas vezes, a despeito dos desígnios da Coroa.

O autor central dessa “aventura humana original e potente” (Barboza Filho, 2025: 27) é o *povo mestiço*. Este não é entendido apenas em seu sentido biológico, mas como o artífice de uma nova cultura e de uma nova sensibilidade. Um dos atos fundacionais desse processo foi a reinvenção da língua portuguesa.

Com base na virada linguística de filósofos como Wittgenstein (2014), Brandom (1998) e Habermas (2000), Barboza Filho argumenta que a língua não é um mero instrumento de comunicação, mas uma verdadeira “forma de vida” (2025: 42-43). Ao ser recriado “por baixo”, com influências semânticas e gramaticais indígenas e africanas, o português brasileiro tornou-se o veículo que articulou as normas, os valores e os “espaços de razões” (Barboza Filho, 2025: 43) dessa nova comunidade em formação.

Apoiado em pesquisas historiográficas recentes, como as de Jorge Caldeira (2017), o autor contesta a imagem de uma colônia estagnada, extrativista e voltada exclusivamente para a exportação. Os dados revelam uma realidade muito mais dinâmica e complexa, que subverte a visão tradicional da estrutura social e econômica do período. Os principais pontos que sustentam essa nova visão incluem (cf. Barboza Filho, 2025: 135-136):

- a) Riqueza comparável: Por volta de 1800, a riqueza produzida no Brasil era semelhante à dos Estados Unidos e superior à de Portugal, desafiando a noção de uma colônia empobrecida.
- b) Mercado interno: O centro dinâmico da economia não era a exportação (15%), mas o mercado interno, que respondia por 85% da riqueza produzida, indicando uma atividade econômica robusta e autossustentada.
- c) Estrutura social: A sociedade era muito mais complexa que o binômio casa-grande/senzala. Havia uma ampla distribuição de pequenos proprietários, com a maioria dos cativos pertencendo a donos de, em média, cinco escravos, o que aponta para uma estrutura social diversificada e não para um monopólio de latifundiários.

Esta reavaliação é fundamental, pois demonstra que a crise brasileira não decorre de uma suposta incapacidade inata, mas do abandono de um modelo de desenvolvimento endógeno e popular em favor de projetos modernizantes que negaram essa potência original.

Em quarto lugar, são ressaltados no texto a crise contemporânea, o esgotamento do futuro e a batalha de narrativas. A tragédia contemporânea, segundo a análise de Barboza Filho, reside precisamente no fato de que o projeto de modernização, ao ignorar a potência autocriativa, deixou o Brasil sem as ferramentas históricas e culturais para processar a “crise epocal” do Ocidente (Barboza Filho, 2025: 26), tornando-o presa fácil para narrativas patológicas. Citando Habermas, o autor contextualiza o momento atual como o de uma “modernidade globalizada” (Barboza Filho, 2025: 416), na qual o modelo ocidental perdeu sua hegemonia e o próprio sentido do moderno está em disputa. Essa crise global

se manifesta como o “desaparecimento do futuro” (mencionado ainda na apresentação [Barboza Filho, 2025: 23]) enquanto horizonte de esperança coletiva, alimentando respostas políticas disfuncionais.

O capitalismo globalizado e financeirizado erodiu as bases da social-democracia e a promessa de progresso contínuo, gerando um profundo ressentimento social. Barboza Filho diagnostica duas respostas patológicas a essa perda de futuro. A primeira, o *populismo de direita* (Barboza Filho, 2025: 420-421). Esse movimento mobiliza o ressentimento e a frustração para inventar uma origem mítica e a-histórica (como o MAGA de Donald Trump). Recusa a complexidade da democracia e da globalização em nome de um estado de natureza violento, que promete restaurar uma suposta grandeza nacional por meio da força e da exclusão. A segunda: o identitarismo gótico (Barboza Filho, 2025: 435-436). Atribuído a setores da esquerda, este conceito descreve uma visão que interpreta a história como a repetição incessante de um mal eterno. Essa perspectiva, segundo o autor, resulta em uma postura politicamente impotente, cética em relação a projetos de futuro, que reduz a política a uma denúncia melancólica dos “demônios, os espectros e os zumbis do passado” (Barboza Filho, 2025: 25), entregando as narrativas de “povo” e “nação” à direita populista.

Diante dessa polarização estéril, que aprisiona o debate público em uma batalha de eternidades e ressentimentos, o autor propõe uma saída criativa e enraizada na própria trajetória brasileira. Sua proposta é uma sinfonia barroco-pragmática como *tertium datur*. Diante do impasse entre o populismo regressivo e um identitarismo paralisante, Barboza Filho recusa a obsessão mimética por modelos externos e postula a necessidade de um *tertium datur* – uma *terceira via* criativa que, em vez de ser importada, deve emergir da própria potência da formação histórica brasileira. A proposta central do livro é uma associação inovadora entre o barroco brasileiro e o pragmatismo filosófico. Essa fusão, que o autor denomina “sinfonia barroco-pragmática” (Barboza Filho, 2025: 467-468), combina o melhor de duas tradições metodológicas.

Por um lado, o barroco oferece: a *politicidade* como método de persuasão e construção da vida em comum; a *abertura ao outro* e a valorização da diferença sem a necessidade de síntese; a centralidade do *corpo e dos sentimentos* como território de experiência e aprendizado; uma “tradição anti-tradicional” (Barboza Filho, 2025: 299) popular, plástica e continuamente reinventada, que valoriza a mudança em vez da rigidez do passado. Por outro lado, o pragmatismo traz: um *método de pensamento antifundacionalista*, que recusa verdades absolutas e metafísicas; a rejeição de filosofias da história deterministas que paralisam a ação; a ênfase na *democracia como um processo de aprendizado histórico*

e experimentação social; a orientação da inteligência e da imaginação para a construção de um futuro melhor.

A sinergia entre esses dois métodos é o cerne da proposta. O pragmatismo oferece uma estrutura filosófica moderna, antifundacionalista, para canalizar a energia criativa, popular e corpórea do barroco, impedindo que este se torne mera nostalgia. Em contrapartida, o barroco oferece ao pragmatismo uma “forma de vida” (Barboza Filho, 2025: 482) concreta e historicamente enraizada na experiência brasileira, salvando-o de ser um exercício filosófico abstrato e conferindo-lhe um território social para sua realização. Essa sinfonia, argumenta o autor, tem o potencial de reconstituir uma “eticidade superior” (Barboza Filho, 2025: 483), capaz de promover o encontro definitivo entre a potência criativa do povo brasileiro e uma democracia substantiva, que seja mais do que um mero arranjo institucional.

Por fim, quais seriam as implicações para o Brasil de hoje? Para Barboza Filho, a superação da crise brasileira contemporânea depende de uma reflexão autônoma que recupere a potência criativa da formação barroca do país. A importação de modelos ou a adesão a narrativas patológicas, sejam elas populistas ou góticas, apenas aprofundam a paralisia e o desentendimento do Brasil consigo mesmo.

A proposta barroco-pragmática oferece um caminho para transformar a democracia em uma forma de vida efetivamente cravada na experiência popular, na língua e nos sentimentos do povo brasileiro. Em vez de ser um conjunto de regras abstratas, a democracia se tornaria um método de aprendizado coletivo, persuasão e construção de um futuro comum, em sintonia com a tradição histórica do país. As cinco sugestões do autor representam a infraestrutura necessária para essa forma de vida democrática: 1) um sistema de educação universal e igualitário; 2) um SUS verdadeiramente universal e de alta qualidade; 3) uma polícia unificada, cidadã e desmilitarizada; 4) uma economia sustentável voltada para o bem-estar coletivo; 5) a construção de cidades mais humanas e integradoras.

Essas medidas não são vistas como meras políticas públicas, mas como os alicerces de uma sociedade que finalmente assume sua vocação democrática e popular. A principal mensagem de *Sinfonia Barroca* é, portanto, um chamado para que o Brasil cresça “dentro de uma tradição” (Barboza Filho, 2025: 339), recuperando sua originalidade barroca não como nostalgia, mas como método para construir um futuro democrático e emancipatório para seu povo.

## Referências

- BARBOZA FILHO, Rubem. *Tradição e Artificio: Iberismo e barroco na formação americana*. Rio de Janeiro, Ateliê de Humanidades Editorial, 2025.
- \_\_\_\_\_. *Sinfonia Barroca: O Brasil que o povo inventou*. Rio de Janeiro, Ateliê de Humanidades Editorial, 2025.
- BRANDOM, Robert. *Making it explicit*. Reasoning, representing & discursive commitment. Cambridge, MA; London, England, Harvard University Press, 1998.
- CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil*. Rio de Janeiro, Estação Brasil, 2017.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Doze lições. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- HAZARD, Paul. *Crise da consciência europeia*. Lisboa, Edições Cósomos, 1971 (1935).
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988, (1936).
- \_\_\_\_\_. *Monções e capítulos da expansão paulista*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014 (1945).
- MACHADO, Wesley. Pós-graduação em Sociologia Política realiza seminário e lançamento de livro..., em *ASCOM UENF*, ocorrido em 03 nov. 2025. Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/pos-graduacao-em-sociologia-politica-realiza-seminario-e-lancamento-de-livro-nesta-quinta-feira/>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

Data de recebimento: 26 de janeiro de 2026

Data de aceite: 13 de fevereiro de 2026

### Como citar esta resenha:

- LELLIS, Nelson. A Sinfonia Barroco-Pragmática: Um *tertium datur* para a interpretação do Brasil contemporâneo. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v.16, pp. 1-7, e161500, 2026, Doi: <https://doi.org/10.14244/contemp.v16.1500>